1964: O discurso nacionalista e a luta pelas reformas de base no interior da Bahia

Soanne Cristino Almeida dos Santos¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os discursos nacionalistas, táticas e estratégias empreendidas por alguns grupos em prol das reformas de base em municípios do interior da Bahia. Perceber que foram formadas organizações de esquerda entre 1963 e 1964 em cidades com baixa densidade demográfica, altos níveis de desigualdade social, e com política restritiva a grupos tradicionais dos chamados “coronéis” na região cacauzeira da Bahia, é reconhecer que não apenas nas capitais, como também no interior do país, as esquerdas se organizaram; é também, além de tudo, perceber o papel político dos subalternos e grupos “marginalizados” pela historiografia brasileira. Para a consecução deste trabalho, utilizamos depoimentos orais, atas da Câmara de vereadores, jornais da região e tomamos como base a Carta de Princípios da Frente de Mobilização Popular de Una-FMP, os discursos do programa de alto-falantes da *Voz da Frente*, e o periódico *O Democrata*, divulgador das idéias da FMP.

Palavras-Chave: Nacionalismo, reformas de base, Frente de Mobilização Popular.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the nationalist discourses, tactics and strategies undertaken by some groups in favor of basic reforms in municipalities of Bahia. Realize that leftist organizations were formed between 1963 and 1964 in cities with low population density, high levels of social inequality, and the restrictive policy of the traditional groups called "colonels" in the cocoa region of Bahia, is to recognize that not only in capital but also inside the country, the organized left, is also, above all, understand the political role of subaltern groups and "marginalized" by the Brazilian historiography. To achieve this study, we used oral testimony, minutes of the Board of aldermen, newspapers in the region and we take based on the Charter of Principles of the People's Front for Mobilization Join FMP, the speeches of the speakers program of Voice of the Front, and the journal The Democrat, publisher of the ideas of the PMF.
Keywords: Nationalism, basic reforms, Popular Front for Mobilization.

Em Una, cidade do interior da Bahia, o discurso proferido em 25 de junho de 1963, no serviço de alto-falantes, traz à tona o teor das discussões que estavam sendo travadas pelos integrantes da Frente de Mobilização Popular (FMP) na cidade, organização criada em 07 de junho de 1963, a partir da FMP nacional, a qual tinha como principal objetivo a luta pelas reformas de base.²

¹ Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus-V. Contato: soannecristina@gmail.com

² Pronunciamento presente no jornal *O DEMOCRATA* de 06 de Julho de 1963. Sua circulação teve início no município de Una, em 10 de maio de 1963.

No terreno fértil da consciência dos brasileiros de Una, lançaremos as sementes dos ideais nacionalistas que germinarão e iluminarão o caminho que nos conduzirá a um Brasil melhor. Faremos desta terra uma seara de amor, progresso, onde as sementes da justiça social germinarão livremente, e crescendo já árvore forte abrigará, sob sua frondosa copa, estes filhos que por ela lutaram.

As discussões de propostas de cunho nacionalista estavam presentes na pauta diária de rádios, jornais e revistas de todo o Brasil. Os projetos nacionalistas estavam sendo defendidos veementemente através dos movimentos sociais, frentes parlamentares e populares. O nacionalismo, neste momento, configura-se como um projeto de nação que surgiu, principalmente, a partir do final dos anos 50 e que teve na Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), composta por Deputados e Senadores no Congresso, um dos principais meios de divulgação do ideário pró-reformas de base. Neste período, diversos projetos em defesa da reforma agrária, da reforma administrativa, educacional, fiscal, tributária e urbana, entre outros, começaram a tramitar pelo Congresso, e isto constituiu o *substrato* de um tempo, defendido por grande parte dos brasileiros, que enxergavam no ideal nacionalista fator inequívoco de desenvolvimento econômico e social (DELGADO, 2007:360).³

A partir de meados dos anos 1950, várias propostas em prol das reformas de cunho nacionalista foram pensadas por diversos grupos. As Ligas Camponesas surgidas no nordeste foram a grande expressão da organização dos movimentos no Brasil pró-reformas (ANDRADE, 2000). No governo de João Goulart (1961-1964), esta tendência demonstrou mais força. Herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas, Goulart assumiu posição a favor das reformas timidamente até o fim do governo parlamentarista, o qual foi implementado no Brasil em sete de Setembro de 1961, após a renúncia de Jânio Quadros.

Para compreender o impasse político no governo João Goulart, deve-se lançar mão da crise institucional que se seguiu nas relações entre política e sociedade desde 1945. Ainda existia um desafio, como conciliar o ideal democrático com as tensões

³Segundo (HOBBSAWM; 2000:136), não devemos ignorar a substancial diferença entre velhos e novos nacionalismos, os primeiros incluindo as nações “históricas” que ainda não possuíam seu próprio Estado, que pediam o fim da dominação estrangeira, mas também as que havia longo tempo o possuíam. Na maioria das nações, especialmente as emergentes na Europa do século XIX, o movimento nacional tendia a tornar-se político depois da fase sentimental e folclórica. A idéia nacionalista inicial consistia na defesa do seu adjetivo pátrio. Por exemplo, os imigrantes ingleses, ao chegarem aos Estados Unidos e relutarem em se tornar americanos, eram tidos e sentidos como nacionalistas.

sociais resultantes do hiato entre a rápida modificação social do seu passado e as enormes tarefas do desenvolvimento que ainda faltavam ser cumpridas.

Desta forma, exigia-se das lideranças partidárias uma aproximação com as classes trabalhadoras e Getúlio Vargas fez isso de várias formas, inclusive apoiando um partido que agregava a massa popular, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), enquanto o Partido Social Democrático (PSD) era voltado para as camadas dirigentes tradicionais. João Goulart, eleito Deputado Estadual pelo PTB, em 1945, começa a assumir posições a favor das classes populares; assim como no segundo mandato de Getúlio Vargas, na qualidade de Ministro do trabalho se compromete com reformas sociais, o que marcou sua carreira enquanto político até o fim de seu governo, em 1964.

João Goulart assume a presidência como líder do bloco nacional-reformista. Segundo Dreifuss (2006:47):

[...] o termo bloco nacional-reformista designa a “frouxa” composição das forças políticas representadas no círculo ao redor de João Goulart e que favoreceria as diretrizes políticas da industrialização nacionalista fortemente apoiada pelo Estado, a reforma agrária com distribuição de terra, a nacionalização dos recursos naturais, medidas para o bem-estar social, uma política externa neutralista ou alinhada ao Terceiro Mundo, um forte controle das corporações multinacionais e até mesmo a desapropriação em muitos casos.

Getúlio Vargas se compromete com o nacionalismo no seu segundo mandato, numa conjuntura em que o antagonismo entre capitalismo e socialismo da guerra fria era evidente. Qualquer medida nacionalista nesse momento histórico era caracterizada como comunista. João Goulart, como herdeiro da carta-testamento de Getúlio Vargas, herdou também a aversão de seus rivais políticos, especialmente a UDN, “que foi considerado o partido mais conservador e de direita que existiu entre 1945 e 1964”. (BENEVIDES, 1981).

Por isto, Goulart, para manter-se no poder, optou por uma política de compromissos. A composição do primeiro ministério presidencialista de Goulart revelaria de forma muito expressiva as ambigüidades, as limitações e o estilo conciliador que predominariam durante todo o governo. No ministério encontravam-se políticos conservadores do PSD, petebistas "fisiológicos" e "nacionalistas" e militares dos setores "duros". O ministério era, assim, a expressão dos difíceis compromissos

assumidos por Goulart para tomar posse: conciliar nacionalistas radicais e setores conservadores, além de reformistas, anti-reformistas e simpatizantes do socialismo.

Procurando não desagradar nem à direita nem à esquerda, Goulart propôs um programa de reformas de base que, de alguma forma, atendia aos interesses dos dois extremos. Os grupos conservadores achavam a proposta radical demais em alguns quesitos, tal como a pauta da reforma agrária, enquanto os grupos de esquerda consideravam o programa tímido e a favor dos interesses conservadores.

Assim, Goulart perdia prestígio político tanto entre os conservadores, como entre a esquerda. Sofrendo a pressão interna dos dois lados, deveria decidir-se a favor de um ou de outro programa, mas adiava sua decisão, insistindo numa *política de compromissos*, de maneira que o plano trienal foi considerado a melhor expressão desta sua posição. Entretanto, Leonel Brizola dizia que o plano somente serviria para manter o *status quo* da direita reacionária, e como Goulart não recebeu o apoio de parte das esquerdas, o plano não deu certo (FIGUEIREDO, 1993:193).⁴

Duas propostas para realizar as chamadas reformas de base se destacaram no Brasil neste momento. A de Leonel Brizola, que defendia a realização imediata das reformas pelo presidente João Goulart, em 1963, e a proposta de San Tiago Dantas, líder da Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base (FPARBA), uma frente de centro-esquerda, que tinha como principal objetivo fazer um acordo mínimo de reformas e deter o movimento da direita.⁵ A direita, por sua vez, angustiava-se diante do cenário propício para a realização das reformas sociais, as quais, se realizadas, atingiriam os interesses privados, principalmente para aqueles que eram detentores de terras.

San Tiago Dantas qualificou a FPARBA, organizada no fim de 1963, como “esquerda positiva”, enquanto a Frente de Mobilização Popular, que tinha como principal representante Leonel Brizola, foi taxada por Dantas como radical e negativa, por ansiar pelas reformas de base de forma imediata. Argelina Figueiredo defende que democracia e reformas eram percebidas como objetivos políticos conflitantes durante o

⁴Ao referir-se ao Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, de autoria de Celso Furtado, a autora argumenta que “apesar de reconhecer a importância do sucesso do plano, Goulart sempre relutou em lhe emprestar apoio integral. E essa relutância minou de forma irremediável suas possibilidades de sucesso”. A execução do plano para a autora garantiria uma situação de equilíbrio entre as forças políticas.

⁵ San Tiago Dantas assessor pessoal de Vargas (1951-1954), em 1963, assumiu a pasta da fazenda e concluiu a elaboração de um programa mínimo voltado para a formação de um governo de frente única, incluindo o PSD e o PC. Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/san_tiago_dantas Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

início da década de 1960, atribuindo a esta falta de combinação o desfecho do golpe civil-militar de 1964 (FIGUEIREDO,1993).

Percebe-se que eram diversos os objetivos dos grupos de esquerda organizados na FMP. Para alguns grupos, aquele era o momento de se realizar apenas as reformas que estavam em pauta; no entanto, para outros, tais reformas seriam o início da revolução no Brasil (SCHILLING, 1979:66).⁶

Brizola é considerado o representante deste “radicalismo” na esquerda brasileira neste período. Ao criar a FMP, Brizola extinguiu a Frente de Libertação Nacional, que havia formado em 1962, juntamente com Mauro Borges, governador de Goiás. Muitos foram os parlamentares que integraram a FMP. Ruy Mauro Marini chega a qualificar esse Congresso como “parlamento das esquerdas” e Daniel Aarão Reis de “mini-parlamento alternativo” construído pelas forças populares alternativas.⁷ A FMP nacional teve uma expansão em todo o Brasil, não se resumindo ao Congresso e isso fez com que Brizola e a esquerda organizada em torno da Frente ganhasse cada vez mais força e influência.

As propostas formuladas pela FMP nacional ganharam projeção não apenas nas grandes capitais, como também no interior do Brasil. Brizola, através da rádio Mayrik Veiga, porta-voz das idéias da FMP, convoca a união das forças através da formação de grupos em todo lugar do Brasil, para lutar pelas Reformas de Base.

A força de suas idéias pode ser percebida através das propostas formuladas pela FMP de Una. Os ideais dela estavam sintonizados com as propostas da Frente de Mobilização Popular nacional, a qual congregava organizações de esquerda que tinham como principal meta articular os grupos em defesa das Reformas de Base para o país. Segundo Jorge Ferreira, em nível nacional, a Frente congregou a União Nacional dos Estudantes (UNE); os operários urbanos com o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), o Pacto de Unidade e Ação (PUA) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC); os subalternos das Forças Armadas, como sargentos, marinheiros e fuzileiros navais por meio de suas associações; setores mais radicais das Ligas Camponesas; os grupos da esquerda revolucionária como a Ação Popular (AP), a

⁶ Ao se referir à situação revolucionária de 1961-1964, o autor escreve: “Em uma posição absolutamente oportunista as forças populares em vez de prepararem-se para a conquista do poder, ficaram esperando que alguns generais progressistas fizessem a revolução”. O escritor afirma que um dos mitos mais difundidos no Brasil foi o relativo ao espírito democrático e progressista das Forças Armadas.

⁷ A expressão “parlamento das esquerdas” encontra-se citada em (DELGADO, 1989: 236) e a definição da FMP como parlamento alternativo está In: (FERREIRA, 2007: 35).

Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP), o Partido Operário Revolucionário (Trotskista) (POR-T) e os setores mais à esquerda do interior do PCB; bem como políticos do Grupo Compacto do PTB e da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), além dos nacional-revolucionários brizolistas (FERREIRA, 2004:181-212).

Porém, a Frente de Una diferiu da FMP nacional em alguns aspectos. A começar pela composição. Os integrantes não pertenciam a partidos de forma definitiva, nem a movimentos sociais organizados. Eram homens que além de atentar para os problemas nacionais, buscavam mudanças políticas, sociais e econômicas no próprio município. Congregar componentes em torno da FMP era um meio de despertar nas pessoas o anseio para a busca de soluções dos problemas internos, como o analfabetismo, a falta de representação política dos subalternos e a centralização da renda em mãos de poucos.⁸

Ao criar sua lógica interna e diferentemente da FMP nacional, a FMP de Una buscou uma *política de compromissos* no município, ação esta inaceitável entre as esquerdas agrupadas na FMP em nível nacional, por este e outros motivos não clamavam em voz uníssona. A peculiaridade da política de tipo conservadora em Una fez com que os integrantes da FMP utilizassem a tática de negociar as reformas e mudanças para o município entre pessoas conhecidas e não entre partidos políticos. Poucos foram adeptos da Frente, mas muitos concordavam com seus ideais, de maneira que eram sempre tecidas múltiplas e inusitadas alianças entre os integrantes da FMP e o poder local de caráter tradicional.⁹

A FMP não se autodefiniu, inicialmente, como força política de esquerda. Apesar do caráter reformista e até certo ponto radical de suas propostas e como as definições sobre o seu reformismo poderiam “assustar” parte da população, a FMP era cautelosa quanto às posições que tomava, pois havia uma cultura política de tipo conservadora que involuntariamente criava resistência tanto a um novo arranjo político, quanto à luta por mudanças estruturais.

Percebemos na matéria veiculada pelo jornal *O Democrata*, como os militantes da FMP pensavam o “rompimento da ordem” no Brasil.

⁸ Trago o conceito de subalterno aqui segundo a concepção de Gramsci (2002:131-145). A história dos grupos sociais subalternos tem sido desagregada e episódica e suas organizações sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes.

⁹ Certeau (1994:101) diz que o uso da tática é a arte dos fracos.

As afirmações sinistras de Carlos Lacerda de uma próxima “agostada” não serão desta vez, o sinal do mau agouro contra as instituições democráticas, todos os órgãos de vanguarda no país acham-se alertas para agir e reprimir qualquer investida contra a ordem vigente. Seja da direita, seja da esquerda, qualquer alteração dos quadros dirigentes, ou reformulação do regime, com o desprezo dos processos estabelecidos na constituição, será irremediavelmente esmagado a ferro e fogo, Estamos irmanados para que não haja alteração da ordem pública¹⁰.

Alterar a “ordem pública” poderia significar, para alguns moradores, romper com uma política conservadora atuante em Una durante décadas, que apesar da política de caráter centralizador e autoritário, mesmo assim, trouxe benefícios para o município. Considerando-se toda a situação, a Frente não fazia referência à esquerda brasileira, nem se via como tal. Definiam-se apenas como organização de homens “progressistas” e nacionalistas, que não desejavam o rompimento, mas apenas reformas de ordem democrática tanto para o Brasil, como para Una.

Outro aspecto peculiar da FMP de Una em relação à FMP nacional a se considerar é o lugar de formação do grupo. Em Una, ela se organiza num ambiente político e social que teve desde sua origem a política monopolizada por apenas um grupo: a família Almeida e correligionários, onde a população não tinha a oportunidade de escolher seu candidato, já que era somente uma legenda que participava das eleições, não havendo candidatos alternativos para serem votados. Apenas houve mudança neste quadro nas eleições de 1962, quando dois candidatos disputam o executivo, apoiados por forças políticas diferentes.

O município contava com população de 18.009 habitantes em 1963, sendo o grande contingente morador da zona rural, trabalhando em sua maioria nas terras pertencentes à família Almeida, responsável por realizar durante anos a “grande política”. Estas pessoas encontraram-se muitas vezes sem opção nas eleições, por causa das alianças organizadas por este grupo.¹¹

Entre 1919-1963, a cidade teve como principal representante político Manuel Almeida, mais conhecido como “coronel Almeida”, que ao herdar a fortuna e a influência de João David Fuchs, seu sogro, e primeiro intendente da Vila de Cachoeirinha (atual Una) conseguiu se eleger para o cargo de prefeito em três mandatos,

¹⁰ O CORVO agoureiro. *O democrata*. 6 de Julho de 1963.

¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas-IBGE. Mostra também que estes 18.009 estavam divididos entre 2.545 moradores urbanos e 15.464 na zona rural. E no total, no município havia 3.648 domicílios.

porém manteve conservada sua influência através de familiares e correligionários até 1962.¹².

A história da cidade se confunde muitas vezes com a biografia deste chefe político que manteve influência desde a década de 1910 até a o início dos anos 1960. Com codinome de “coronel Almeida”, tudo parecia girar em torno de sua família.¹³ Rosilane Maciel descreve assim este senhor de terras:

Coube a Manuel Pereira de Almeida a honra de desbravador, lutando duramente pela nossa emancipação política e levando a agricultura pelo interior do município, doando terras não somente para a área da cidade, como também para que se instalasse aqui a estação Lemos Maia. [...] Com seu poderio econômico e prestígio político empreendeu através da manipulação popular, a construção de um próspero município.¹⁴

Como em Una não havia partidos políticos consolidados, percebe-se que a presença da União Democrática Nacional (UDN), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do Partido Socialista Brasileiro (PSB), se dava apenas para organizar o processo eleitoral, pois os agrupamentos políticos se conformavam mesmo em torno de pessoas e não de partidos, como se pode perceber pela organização política ao redor da figura de Manuel Almeida.

As propostas políticas encampadas pelos partidos em nível nacional eram o que menos importava no plano local, já que elas apenas serviam para legitimar o processo. Observa-se isto nas eleições de 1962 quando Manuel Almeida era presidente da UDN e Armil Almeida, presidente do PTB. Dois partidos que tinham posições divergentes no plano nacional, em Una encontravam-se coligados em torno de Manuel Almeida, para que se mantivessem as eleições conforme o grupo da grande política desejava. O fato de controlar os partidos no município conferiu o pleno comando da política à família Almeida por muito tempo. Para a maioria dos membros do PTB em Una, a base doutrinária da ideologia parecia pouco importar; na maior parte dos casos, era sob a

¹² Consultar no anexo a lista de intendentes e prefeitos, e seus respectivos parentescos. Manoel Pereira de Almeida chegou a Una em 1905, engenheiro vindo de Salvador, herdou o prestígio político e econômico do sogro David Fuchs, suíço detentor de terras na região. Casou-se com duas de suas filhas e foi intendente e prefeito em Una entre os anos de 1924 a 1939, exercendo influência política no município até meados dos anos 1960. Ver sobre ele em: SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001.

¹³ CARVALHO, José Murilo de A. *As metamorfoses do coronel*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 6 de maio de 2001.

¹⁴ SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em história, 45f. P.28 e 43.

forma de uma cultura política difusa que a ideologia se impunha aos seus membros (FERREIRA, 2004:85).

Assim como em Una, nas eleições para o estado da Bahia não foi diferente. Lomanto Júnior (governador eleito para o período de 1963-1967) organizou uma campanha onde agrupou também a UDN e o PTB, principais adversários na política nacional. Em Una, os representantes destes partidos viviam num clima de cumplicidade. Para Muniz Ferreira, “esta aliança a nível nacional era inconciliável”, já que a UDN expressava os interesses dos proprietários de terras e da indústria aliada ao capital estrangeiro, e pela origem social dos seus membros não havia, igualmente, uma especial identificação do partido com os setores médios, pois tinha como representantes no Congresso muitos proprietários de terras. Já o PTB tinha um posicionamento político com tendência a buscar reformas sociais, o que não foi o caso dos projetos deste grupo para o município de Una. Um dos aspectos teria sido o fato de manter-se em aliança com a UDN e estar sob a influência de um chefe da grande política local.

Este jogo partidário de agregar partidos com bases ideológicas supostamente diferentes garantia a vitória nas eleições, era o que importava. A família Almeida conseguiu eleger todos os prefeitos, até pelo menos 1962, quando são surpreendidos pela chegada de um novo partido, o Partido Democrata Cristão (PDC), que, ao não manter alianças com os grupos tradicionais da cidade, criou oportunidades para um novo arranjo político municipal, o que terminaria por permitir a eleição de novos candidatos.

O PDC teve como presidente Libberalino Barbosa Souto, que é considerado por Rosilane Maciel “o divisor de águas na política de Una (SILVA, 2001:40). Libberalino Barbosa era escrivão do Cartório de Registro Civil no distrito de Arataca e em 1959 foi vereador pela UDN. Durante seu mandato no legislativo, angariou apoio suficiente para se eleger prefeito de 1963-1967.

Diante deste novo contexto, percebe-se que os espaços de poder começam a se dividir. Manuel Almeida, principal representante da política empreendida no município durante as décadas passadas, passava a maior parte de seu tempo em viagens a Salvador, para tratar de sua saúde, pois octogenário, já se encontrava em estado debilitado. Seus filhos Armil e Acyr Almeida, além dos correligionários, herdaram sua influência política, mas não conseguiram a hegemonia de antes, logo não conseguiram eleger um sucessor.

O PTB e a UDN, partidos que pertenciam ao grupo dos Almeida, surpreendidos com uma eleição onde haveria disputa entre concorrentes de fato, discordaram em relação ao nome do candidato a prefeito, e “isto causou discórdia e divisão no grupo”, mesmo assim resolveram lançar-se na candidatura de Antônio Andrade, um grande detentor de terras no município. O distrito de Arataca, que tinha o segundo maior percentual de eleitores, “já tinha declarado seu apoio a Libberalino Souto, e percebia-se que mesmo na sede da cidade era o nome mais comentado”, pois representava para a população o fim do monopólio político da família Almeida.¹⁵

Uma das medidas tomadas por ele logo quando assumiu a prefeitura, foi derrubar um componente simbólico da presença de Manuel Almeida na cidade: o pé de tamarindo, que havia sido plantado por Manuel Almeida, era afinal seu lugar principal de descanso. Fato que é lembrado pelos moradores da cidade.

Quando derrubaram o pé de tamarindo de Dr. Almeida, ih! Ai foi que ele percebeu que perdia o controle da cidade. Libberalino mandou derrubar para construir a ponte que liga Una a Canavieiras, ela ficava bem na cabeceira, podiam ter deixado lá, mais ai!. Neste dia eu vi o coronel se ajoelhar, levantar a calça e as mangas da camisa, levantar as mãos pro céu e chorar como criança.¹⁶

O comportamento político de atores como Libberalino Souto leva-nos a investigar a possibilidade de diversos usos do passado, através de representações que demonstram uma lógica do cotidiano, das memórias, vivências e sensibilidades próprias empreendidas por grupos ou indivíduos num determinado espaço. O pé de tamarindo naquele momento representava uma memória política que devia ser apagada, pois novos símbolos de poder seriam criados, sob a égide de um novo grupo. No lugar da árvore foi construída uma obra, a cabeceira da ponte, representando algo de novo e moderno.

Contudo, em que pese o significado político da presença do novo personagem, percebe-se que suas propostas tinham o mesmo conteúdo das do seu adversário Antônio Andrade, fazendeiro apoiado pelo PTB e UDN. Existia uma relação de compadrio entre os partidos, que não obstante, em todo caso, representavam a oportunidade de mudanças, pois sugeria uma política com relações diferenciadas.

¹⁵ As frases que estão entre aspas correspondem ao discurso de Carlos Antônio Cincurá de Andrade, último prefeito eleito (1959-1962) com o apoio hegemônico da família Almeida e seus correligionários.

¹⁶ SOUSA, Natan Mendes. Entrevista concedida a Soanne Cristino Almeida dos Santos em 05 de maio de 2007.

Libberalino foi eleito pelo PDC, assumindo a prefeitura em 07 de abril de 1963, tendo apoios bastante heterogêneos, como o de fazendeiros, trabalhadores e funcionários do Banco da Bahia, Coletoria Estadual, Correios etc. Libberalino conseguiu agrupar pessoas recém-chegadas a Una, as quais detinham influência em razão de suas funções, pois fizeram parte de sua campanha e mais tarde integraram a Frente de Mobilização Popular.

O prefeito eleito não se manifestava a favor ou contra as reformas de base, mas para muitos foi considerado “um homem de visão mais progressista”, que antes de se tornar chefe do executivo defendeu projetos na Câmara que indicariam este espírito, tal como o projeto de lei onde solicitava a construção da rodovia Una-Canavieiras, e que afirmava que ela “compensava todo e qualquer sacrifício financeiro pelo município”, pois as estradas eram verdadeiras “trilhas de índio”.¹⁷

Depois de eleito, Libberalino apresenta também outros projetos que animam os defensores das reformas de base de Una, como por exemplo, aprovar políticas de incentivo ao pequeno agricultor a comprar suas terras, concedendo isenção de imposto para proprietários de até 50 hectares. E ao desapropriar cinquenta e seis lotes de terras no distrito de pedras, a fim de beneficiar pessoas “comprovadamente pobres”.¹⁸

Depois de 1964, estas atitudes do prefeito irão sofrer algumas represálias por parte de políticos da oposição na Câmara. Em dezembro de 1964, Carlos Dias, vereador pela UDN, acusa o prefeito municipal de “corrupção no loteamento do Arraial de Pedras”, e solicita a documentação de que as terras foram doadas a pobres. João Queiroz presidente na Câmara pelo PDC, responde a acusação da seguinte forma:

*Esta é a tática que quer ver este país no marasmo, que vive criando estas questiúnsulas quando se quer dar condições ao homem do campo, tirando-o da escuridão dando-lhe luz para que não seja ludibriado pelos inimigos do progresso. Por isso é que Carlos Dias acha que dividir as terras, dar condições ao homem do campo, como estamos dando é ser corruptos e ladrões. Quero deixar patente nesta casa que as terras do patrimônio municipal foram divididas em 56 lotes, todos eles ocupados por pessoas comprovadamente pobres*¹⁹.

¹⁷ Projeto de nº 28 de 1960, aprovado em 26 de janeiro de 1960.

¹⁸ O projeto citado é o de nº 16, de 18 de novembro de 1963, e a lei citada é a de nº 2 de 20 de maio de 1963.

¹⁹ Ata da Câmara Municipal de Una de 18 de dezembro de 1964, p.7

Na Bahia, outras medidas com este caráter foram realizadas também no interior, como foi o caso do município de Ipiaú, onde o prefeito Euclides Neto (1963-1967) desapropriou uma propriedade rural de aproximadamente 158 ha, para partilhar entre famílias de trabalhadores rurais desempregados. Posteriormente, esta área rural seria batizada pelos próprios moradores com o nome de “Fazenda do Povo”. Com esta iniciativa, entre outras, o prefeito Euclides Neto seria acusado de comunista, passando a responder um IPM (Inquérito Policial Militar) instaurado por uma Junta Militar, em 1964.²⁰

Estas iniciativas no interior estavam respaldadas diante de uma política estadual implantada por Lomanto Júnior, o qual desapropriou fazendas do município de Candeias para a instalação de um núcleo colonial, o Landulfo Alves. Lomanto, durante sua gestão, teve um bom relacionamento com o grupo político que apoiava João Goulart, presidente que em alguns momentos defendeu a implantação das reformas de base de forma “gradual” no Brasil.

Lomanto Júnior declarou simpatia pela reforma agrária, e pelas reformas de base em seus discursos. No entanto, seu grupo político acusava o candidato da oposição de comunista e diziam que “forças estranhas” tomariam posse da Bahia caso Waldir Pires fosse eleito. Dantas Neto diz que “Lomanto era um populista bem comportado” (DANTAS, 2006:176). O seu programa político foi moderado e com pontos como revisão da política e da legislação de terras. O lema da campanha de Lomanto era ‘O interior avança para o governo’, e “neste caminho comete toda sorte de heresias contra ligações históricas entre redutos de tradição coronelísticas”.²¹

Para o governador, era necessário buscar a “paz baiana”, ou seja, os grupos progressistas e os herdeiros do grupo “autonomista” baiano deveriam buscar a pacificação, já que os problemas baianos estavam acima dos interesses partidários.²² O que Lomanto queria destacar era a necessidade de manter “as bênçãos de Jango, a mística getulista do PTB com a união do populismo agregada à velha *Bahia com ‘H’* e

²⁰ SILVA, Albione Souza. *O caráter Socialista da gestão de Euclides Neto no município de Ipiaú (1963-1967)*. Ilhéus, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003. Euclides Neto é escritor de 14 livros de poesias e romances. Em alguns deles a questão central é a exploração sofrida pelos trabalhadores da zona rural. Cf. TEIXEIRA NETO, Euclides José. *64: Um Prefeito a Revolução e os Jumentos*. Salvador: Fator, 1983. TEIXEIRA NETO, Euclides José. *Trilhas da Reforma Agrária*. 3ed. Littera: São Paulo, 1999.

²¹ *Ibidem*, p. 166.

²² *Ibidem*, p. 164.

as vozes do sertão” e para isto era necessário conter os ânimos dos grupos “progressistas revolucionários”.²³

Pode-se perceber isto no discurso que fez para a União dos Estudantes da Bahia (UEB), declarando-se na “contramão de interesses de seus apoios interioranos, a favor das reformas de base e uma reforma agrária, o mais cedo possível”. Por estas e outras afirmações “progressistas”, Lomanto Júnior tem no seu primeiro mandato um desentendimento crescente com o campo udenista.²⁴

Muniz Ferreira assegura que durante os doze meses que antecederam o golpe de 1964, Lomanto Júnior funcionou como um “algodão entre os cristais”, amortecendo os atritos entre a UDN e o PTB. Fez isto por causa das alianças estabelecidas para sua eleição, pois além de ter tido o apoio da UDN e do PTB, recebeu também o apoio de Juracy Magalhães, político que é conhecido no seio das forças conservadoras da Bahia. Já Waldir Pires, candidato do PSD teve aliados eleitorais como o PCB e o PDC. O PTB que apóia Lomanto neste momento é mais conservador, e já o PSD apresenta uma tendência mais à esquerda, porém a alusão da estreita relação de Lomanto com os anseios do povo dava a ele o apoio dos setores populares e daqueles que mesmo não o vendo como os defensores das reformas de base no Brasil, também não o viam como adversário (FERREIRA, 2004: 87).

O jingle da Campanha de Lomanto dizia o seguinte:

*Lomanto, esperança do povo, é gente nossa, é sangue novo;
Lomanto é a renovação, veio do alto sertão; municipalista filho
de agricultor, ele é amigo do pobre, irmão do trabalhador.*

Tanto Waldir Pires quanto Lomanto Júnior foram referências progressistas em seus respectivos grupos políticos. No entanto, futuros membros da FMP de Una apoiaram Lomanto, mesmo tendo como candidato Waldir Pires, que neste momento era apoiado pelo PDC, partido ao qual Libberalino Souto era filiado. Waldir foi o candidato representante das forças reformistas na Bahia, entretanto as forças de esquerda no Brasil optaram por apoiar Lomanto por tê-lo como progressista, conforme assegura o jornal *O Democrata*:

*O povo de Una junta as suas esperanças ao povo da Bahia, e
como este, confia e está certo da vitória que nosso estado
conseguirá dirigida por Lomanto Jr., e com este coordena as*

²³ *Ibidem*, p. 163

²⁴ *Ibidem*, p.183.

*suas forças no caminho que nos levará ao desenvolvimento e ao progresso.*²⁵

Este apoio vem confirmar, mais uma vez, a idéia de que as composições políticas se davam em torno de pessoas e não de partidos. Esta tentativa nos ajuda a perceber um cenário propício para o debate e o início de atividades relativas à implantação das reformas de base na Bahia e em Una.

As práticas cotidianas de negociação política aconteciam entre integrantes dos partidos que pareciam “rivais”. Percebemos isto claramente através de algumas das atividades implantadas no município pela FMP, tais como: - a construção da escola João XXIII, onde se realizavam aulas noturnas, cujo principal objetivo era alfabetizar adultos; - a *voz da frente*, serviço de alto-falante no qual eram lidos os protestos da FMP; - o jornal *O democrata*, primeiro instrumento criado para informar a população sobre as idéias da FMP; - e o incentivo a organização dos Sindicatos de Trabalhadores da Construção Civil e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no ano de 1963. Nosso desafio é entender como o discurso em torno das reformas de base foi “apropriado” por diversos atores sociais que vivenciaram esta experiência política no cotidiano de uma política tradicional e restritiva, onde as margens de autonomia pareciam quase não existir. A partir das atividades da FMP de Una e sua pressão exercida sobre o governo local, podemos afirmar que houve continuidade, mas não deixou de haver transformações no cenário político e econômico municipal.

Apesar da *tendência de esquerda* explícita nas propostas da organização, alguns políticos conservadores, mas não reacionários do grupo tradicional, negociaram e colaboraram com as atividades da FMP (SILVA, S/D: 12)²⁶. Um exemplo disto foi a contribuição de Themir Batista, advogado da Prefeitura Municipal de Una (PMU), que colaborou juridicamente na implantação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

A articulação da FMP nacional se deu principalmente na capital do Rio de Janeiro, onde residia o maior número de parlamentares e existia grande quantidade de

²⁵ Jornal *O democrata* de 10 de maio de 1963, p. 1.

²⁶ Para Silva, quando certo número de pessoas se agrupa, em torno de uma ideologia comum, com propostas e princípios comuns que norteiam a sua intervenção na luta dos trabalhadores, essas pessoas constituem uma tendência. Ou seja, tendências são quaisquer agrupamentos de pessoas que defendem o mesmo pensamento político esquerda com o mesmo sentido que o utilizou GORENDER, Jacob em *Combate nas Trevas*. SP: Ática, 1998. E RIDENTI, Marcelo na obra *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 17, “para designar forças políticas críticas da ordem capitalista estabelecida, identificadas com as lutas de trabalhadores pela transformação social”.

periódicos, além de sediar o principal meio de comunicação da FMP, a Rádio Mayrink Veiga, a qual tinha como líder Leonel Brizola (NASCIMENTO, 2002).²⁷

Brizola, político filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, foi considerado o líder desta organização. Governador do Rio Grande do Sul em 1958, foi eleito Deputado Federal pelo antigo estado da Guanabara em 1962. Ao entender como tímida a atuação da bancada trabalhista na Câmara Federal, Brizola decidiu constituir a Frente de Mobilização Popular com os deputados e correntes de esquerda, pois já havia adquirido credibilidade entre as esquerdas, através da liderança da “cadeia da legalidade”.

Ao convocar os brasileiros a defender a constituição em 1961, buscando garantir a posse de João Goulart, quando da renúncia de Jânio Quadros, Brizola convocou o país, por meio de dezenas de emissoras de rádios, a resistir ao golpe. Entrincheirando-se no palácio Piratini e mobilizando a brigada militar, dividindo, inclusive, as Forças Armadas, já que o III exército sediado no sul aderiu à proposta de Brizola, o que garantiu a posse do vice-presidente. Brizola, representando, então, os anseios das esquerdas em 1963, utilizava a rádio Mayrink Veiga para suas palestras semanais em nome da FMP (BANDEIRA, 1979).

Através desta rádio, da qual Brizola era sócio, o líder nacionalista conclamava: “onde se encontrasse um brasileiro consciente, um nacionalista, um patriota: nos bairros, nas cidades, nas fábricas, escritórios ou campos, o povo deveria se organizar”. Fazia discursos inflamados incitando a sociedade a se organizar e exigir as reformas de base para o país. A esta rádio somaram-se outras estações e assim seus discursos puderam ser ouvidos tanto nas capitais, como no interior dos estados.

Na cidade de Una, os discursos pronunciados por Brizola reverberaram, tanto que em junho de 1963 formou-se a Frente de Mobilização Popular de Una, tomando como incentivos as palavras do ex-governador gaúcho e a necessidade de mudanças internas no município. Brizola convidava os ouvintes para colaborarem na criação de uma rádio de integração nacional, que refletiria a “opinião e aspirações do povo”. Pregava que a imprensa deveria ser livre, sem sofrer influências do imperialismo capitalista, dizendo que levaria informações e cultura ao homem da rua, organizando desta forma, resistência ao imperialismo.

O fato é que Brizola se utilizou de diversos meios de comunicação para falar ao povo. Em fevereiro de 1964, surgiu *O panfleto: o jornal do homem da rua*. Segundo

²⁷ A Rádio Mayrink Veiga, que nasceu na década de 1930, foi a campeã de audiência por muitos anos.

Elenice Skatorzi, Brizola, no período de instabilidade política buscou na imprensa escrita e falada a oportunidade de se manifestar sobre as questões políticas e econômicas, tanto de cunho nacional como internacional, no intuito de informar aos brasileiros sobre a situação de 1963 e 1964, bem como reafirmar o brizolismo e selar sua ligação com o varguismo. O jornal apresenta-se como a “ovelha negra” jornalística pelo perfil que iria assumir durante sua existência e também pela independência financeira que pretendia ter, para, assim, poder ser independente na divulgação da matéria (SZATKOSKI, 2008:42).

Diversas pessoas que participaram e militaram na FMP, depois da experiência com a esquerda, tornaram-se intelectuais profissionais, a exemplo de Paulo Schilling, então secretário da FMP, em fevereiro de 1964 e colaborador do jornal, que circulou em quase todo o Brasil (SCHILLING, 1979). A tática de utilizar os meios de comunicação colaborara também na organização do “Grupo dos 11” ou “Comandos Nacionalistas”. Criado em fins de novembro, por iniciativa de Leonel Brizola, a proposta é que fosse formado por duas, três, ou quatro pessoas que em comum acordo convidariam outras pessoas até formarem o grupo de onze companheiros. Brizola afirmava que havia necessidade de organização dos grupos dos 11, mesmo sabendo que a população, estudantes, camponeses, intelectuais, e até militares estavam se organizando em Sindicatos. Os brasileiros necessitavam de organização política e orientada, era o que pensava o líder nacionalista (FERREIRA, 2004:113).

A tática de utilizar diversos meios de comunicação tornou a FMP conhecida de quase todo o Brasil. A rádio podia ser ouvida por analfabetos, através do programa “Rede do esclarecimento” e os jornais e panfletos levariam informações aos escolarizados. Desta forma, a diversidade de organizações, inclusive a FMP, agregou e permitiu que grupos surgissem, tanto nas cidades como no campo.

Por diversas vezes no Brasil, foram formadas frentes, principalmente entre os anos de 1950 e 1960, a maior parte delas com conteúdo de cunho nacionalista. No âmbito nacional, tem-se o exemplo da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), cujo presidente em 1958 era Sérgio Magalhães, deputado, que mais tarde comporia a FMP nacional; da Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base de San Tiago Dantas em 1963, além da Frente de Mobilização Popular, que compunham o quadro das frentes nacionalistas que atuavam no país. Quanto à FMP, há indícios de que esta existiu não somente em Una, mas também no município de Canavieiras, localizado no Sul baiano, e, possivelmente em outras localidades.

A iniciativa de aglutinar forças e unir partidos e grupos em torno de um objetivo comum ao formar *frentes*, foi uma tática discutida no III e VII Congresso da Internacional Comunista na década de 1920 e 1930. Surgida inicialmente pela identificação do refluxo do ciclo revolucionário iniciado na Rússia em 1917, a tática frentista serviu, principalmente, para organizar as forças contra o avanço do fascismo e do imperialismo no mundo (KAREPOVS, 2007:112).

O cenário internacional dos anos 1950-1960 foi caracterizado pela descolonização, com a vitória das lutas de libertação nacional, sobretudo, na Ásia e na África. Contexto em que se destaca a Revolução Cubana de 1959. O impacto desta revolução no Brasil somou-se ao espírito de um tempo histórico caracterizado pela ascensão dos movimentos de libertação nacional, nos países do chamado Terceiro Mundo, enquanto que no Brasil as discussões sobre industrialização, nacionalismo e ascensão de movimentos populares deram o tom do período (BARÃO, 2007: 233). Podemos perceber a influência do acontecimento cubano no interior da Bahia, através do jornal local *A Voz do Rio Pardo*, produzido no município de Canavieiras.

Não somente a formação de Frentes nos demonstra o desejo de mudança da população desta região, como também o “manifesto de solidariedade do povo de Itabuna ao bravo povo cubano”. Assim, percebemos o quanto o interior do Brasil durante o momento anterior ao golpe-civil militar de 1964 manifestou seus anseios políticos e se organizou na defesa dos ideais nacionalistas.²⁸

O fato do jornal de Canavieiras publicar um manifesto produzido em Itabuna, significa afinidade ideológica dos diretores do jornal com a notícia. O diretor era o advogado Mario S. Costa e o redator chefe, J. Pinheiro Tolentino e esboçava o seguinte slogan: “Órgão independente político e noticioso”.

A presença de Jean Paul Sartre em Ilhéus é um dos aspectos que devemos também dar relevância ao notar a importância das organizações dos grupos com tendência de esquerda no interior.

A visita ao Brasil foi decidida pelo casal, logo após voltarem de Havana. Chegam ao Rio de Janeiro para promover a solidariedade internacional necessária para sustentar a revolução cubana e a guerra de libertação da Argélia. Certamente a intelectualidade brasileira, tão próxima do que se passava em Paris, acompanhava,

²⁸ PAPA do existencialismo na região cacauera. *Jornal a Voz do Rio Pardo*. 1º de outubro de 1960, p.3.

através de *Les Temps Modernes*, as posições anticolonialistas do filósofo²⁹. A sua peregrinação à China, a Cuba e ao Brasil tinha claramente um caráter militante. "O colonialismo é um sistema que nos infecta com seu racismo", escrevera Sartre, em 1956. A sua militância vai além das palavras: durante sua estada no Brasil, Sartre passará a responder a um processo criminal em Paris, junto com outros 121 intelectuais que assumiram abertamente a cooperação com a Frente Nacional de Libertação da Argélia, portanto a presença de intelectuais como Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no país, entre agosto e setembro de 1960, demonstra o quanto as esquerdas no Brasil estavam se fortalecendo.³⁰

Todavia, o sucesso de Sartre no Brasil se deveu às suas conferências sobre o colonialismo e a necessidade histórica das lutas de independência dos povos do Terceiro Mundo. Jornalistas e escritores lançaram em livro as reportagens de Sartre no Brasil, o título da obra foi "Furacão sobre Cuba", lançada em setembro de 1960, com sucesso absoluto de vendas.

Na apresentação do livro, os responsáveis pela Editora do Autor exaltam "a cultura de filósofo e a força de um escritor a serviço da liberdade dos povos e da dignidade humana". No prefácio à edição brasileira, Sartre recorda:

Em toda a parte, no Brasil, na Bahia, no Rio de Janeiro, em Araraquara (SP), encontrei uma juventude arrebatada. A primeira pergunta era sempre: 'E Cuba? Acabei compreendendo que falar aos brasileiros sobre a ilha rebelde cubana era falar deles próprios. [...] Um dia, apesar de todas as divergências e interesses, a América Latina se unirá na liberdade readquirida. Cuba sabe disso, os brasileiros sabem, todo o mundo sabe.

No jornal de Canavieiras, a ênfase a vinda de Sartre à Bahia foi motivada pela figura do casal enquanto literatos, já no jornal *A tarde*, Sartre teve sua imagem vinculada aos seus projetos de libertação nacional e a ao comunismo.

²⁹ A revista *Les temps modernes* é uma revista literária e filosófica fundada por Jean Paul Sartre em 1945. Antes de sua vinda ao Brasil, o casal já conhecia um pouco dos trabalhadores da região do cacau através da obra Amado, Jorge. "Cacao". *Les Temps Modernes*, nº 104/105, juin-août 1954. Em 1967, Sartre dedica um número especial de sua revista ao Brasil, relatando os fracassos e pequenas vitórias dos dissidentes do modelo implantado em 1964 pelos militares e conservadores. Naquele ano escreveram para *Temps Modernes* intelectuais reconhecidos como: Jean-Claude Bernardet sobre o cinema novo; e Antonio Callado sobre as Ligas Camponesas.

³⁰ Jornal *A Voz do Rio Pardo*. Canavieiras- Agosto de 1960. Nº8.

Apresentado ao público de quinhentas pessoas, Sartre se recusou a fazer a Conferência na casa da França, uma louvável atitude de independência, repetindo o tema que fizera no recife, fez a apologia da literatura popular em oposição à literatura burguesa, que considerou de solidão e de melancolia. Essa literatura floresce na França porque o homem é um escritor sempre comprometido com o curso de humanidades, que lhe dá um certificado de burguesia comprometido com (que é o caso de Sartre). Sugere que se criasse aqui um ambiente para literatura popular, devendo-se mesmo começar pelo problema da alfabetização. A literatura deve refletir o seu meio. Interpelado por apenas quatro pessoas, disse que existencialismo é uma ideologia de circunstância, mas que é envolvida pela grande campânula do marxismo. Confessou: Sou marxista e distingo entre o nacionalismo de Kipling imperialista e o nacionalismo popular anti-burguês.³¹

Anos depois, em cinco de março de 1963, o periódico *A tarde* publica outra nota sobre Sartre e sua relação com o comunismo.

... notícias católicas brasileiras informam que o fim de recrutar líderes intelectuais para a chefia do comunismo latino-americano. Moscou, Pequim e Belgrado, agindo em comum acordo, tem enviado ao Brasil elementos do PC italiano com experimentos em propaganda e organização. Ao mesmo tempo tem programado uma liga de escritores da América latina a ser organizada sob os auspícios de Sartre.³²

A tese central deste artigo foi a de que entre os anos de 1950 e 1960 o interior da Bahia recebeu influências diversas que colaborou para o desenvolvimento de organizações com propostas de cunho nacionalista, tal como as expressas pela FMP de Una.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. *Lutas camponesas no Nordeste*. São Paulo: Ática, 2000.

BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1979.

BARÃO, Carlos Alberto. *A influência da revolução Cubana sobre a esquerda brasileira nos anos 60*. In: MORAES, João Quartim. AARÃO REIS, Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

³¹ SARTRE na reitoria disse que existencialismo é marxismo. *A Tarde*. 18 de Junho de 1960. O Jornal *A tarde* foi fundado em 1912 por Simões Filho, e é um dos periódicos mais lidos no Estado da Bahia.

³² SARTRE a serviço do comunismo. *A Tarde*. 5 de Março de 1963.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, Autocracia e Carisma. A política de Antonio Carlos Magalhães na Modernização da Bahia (1954-1974)*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: Do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

_____, Lucília de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista(1956-1964). In: Ferreira, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.) *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)*. Ed 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v.2.

FERREIRA, Jorge. Neves, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano. Vol. 4: O tempo da ditadura-regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____, Jorge. *A estratégia do confronto: A Frente de Mobilização Popular*. Revista Brasileira de História, Dossiê: Brasil, do ensaio ao golpe, 1954-1964, São Paulo: Associação nacional de História, ANPHU, n.47, 2004.

FERREIRA, Muniz. *O golpe de 1964 na Bahia*. Clio: Revista de pesquisa Histórica. Vol.1. Nº22. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2004.p.85-101.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas á crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e terra, 1993.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSBAWM, Eric J. *A era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____, Eric. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito, realidade* Rio de janeiro: Paz e terra, 2008.

KAREPOVS, Dainis. MARQUES NETO, José Castilho. *Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas*. In: RIDENTI, Marcelo. AARÃO REIS. Daniel. Org. *História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. SP: Campinas, editora da UNICAMP, 2007.

SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder*. Vol.1. Os protagonistas. São Paulo, Global, 1979.

SILVA, Rosilane Maciel. *O coronel Manuel Pereira de Almeida e a formação do município de Una*. Ilhéus: UESC, 2001. TCC em História, 45f

SILVA, Antônio Ozai. *História das tendências no Brasil (origens, cisões e propostas)*. 2º Ed. São Paulo: S/N.

SZATKOSKI, Elenice. *O grupo dos onze: uma insurreição reprimida*. RGS: Passo fundo: UPF Editora, 2003.